

Ali, na rua Mármore

Vanessa Ribeiro

Foi um dia cor de cimento quente e úmido. Com o corpo exaurido após horas a fio de alienação deliberada, uma espécie de transe da salvação que me permitiu ausentar-me da realidade enquanto me encontrava na posição de subserviência que só o capital e o patronato podem proporcionar a um proletário, finalmente me pus a caminho do boteco do Entorta. Devo dizer, caro leitor, não se engane com o falseamento próprio da fantasia devido ao uso que faço da linguagem. Não sou de esquerda tampouco de direita. No ponto em que me encontro, valho menos que a bosta do pombo que passa o dia a cobiçar o produto do trabalho do pipoqueiro. Logo, eu sou nada. Enfim, sigamos com esse relato incomum para mim que raramente transcrevo minhas banalidades cotidianas. No entanto, algo inesperado me aconteceu durante a madrugada, horas antes do tempo de despertar para a labuta diária e sinto no peito o imperativo em registrar o enquadramento das cores daquele dia tão peculiar. Em tempos assim, quando eventos estranhos e alheios a qualquer construção da filosofia da razão ou da ciência me atropelam, julgo ser sempre mais sensato recorrer ao álcool antes de tentar elaborar o que quer que seja. Benditos sejam os Paraísos Artificiais, amigo Charles. Benditos sejam os botecos belo-horizontinos.

O boteco do Entorta é o meu ponto de equilíbrio. O centro no qual meu pêndulo (no que tange pêndulos, com a devida licença, Foucault) se move numa dança ritmada e constante. É lá que desperto, volto a existir e sinto alguma vontade em elaborar conversas sobre qualquer coisa com qualquer um. Quando o caso é sério recorro ao Entorta, um sujeito cuja aparência em muito se assemelha às imagens das entidades vigorosas que vagueiam às sextas-feiras pelas encruzilhadas, o que é absolutamente agradável aos meus olhos sempre simpáticos à Umbanda. O dono do boteco é um bom ouvinte que merece toda lisonja possível quando descrita sua maestria de ter sempre à mão a garrafa certa cujo teor alcóolico do

liquido sempre se adequa à situação. Devo dizer, no entanto, que nem sempre o Entorta sente qualquer prazer em se engajar em conversas, mas diferente das pessoas que sempre têm um conselho mordiscando a ponta da língua, principalmente quando você não pede, ele jamais recrimina quem quer que seja. Quando não se limita ao silêncio, por vezes solta duas ou três frases que valem mais que horas a fio de diálogo raso com os cultos e incautos que vez ou outra batem ponto no cubículo engordurado no qual se estabelece o boteco. Apenas se atenta em servir os sedentos nunca deixando copos vazios no balcão. Se você quer saber o porquê do nome Entorta, trata-se do óbvio: apelido recebido na infância em função da escoliose nunca tratada. Entretanto, caro cúmplice, pense também que a curva de normalidade no tocante à observância dos comportamentos de beberrões frequentes do bar enquadra indivíduos que saem do estabelecimento cambaleando, com os corpos arqueados rabiscando o espaço com variados ângulos. A sinuosidade dos corpos, geralmente ébrios, é coletivamente compartilhada. Creio que um chamamento mais adequado e uma explicação mais explícita que essa se faz desnecessária.

Esse boteco é minha pequena bolha multifacetada que ora se comporta como santuário de paz na minha terra onde cerveja gelada e torresmo quebrador de dentes reinam absolutos, ora se revela uma das bocas do inferno, dantescas que só, com figuras caricatas a expelir um palavrório desgovernado que exala puro caos e violência primeva. Quando se vive numa casta social em que o mundão se comporta de forma tão difícil o movimento dialético é o mínimo na rotina de um sujeito que tem nos sonhos de voo, de fogo e água o alento necessário para continuar o caminho existencial sem fraquejar. Um dia de cada vez. Hoje a roda da fortuna girou de modo a favorecer a paz. No boteco havia pura calma num clima preenchido por um silêncio tumular, exceto pelo barulho do velho refrigerador a estalar e pelos moleques na rua que disputavam a posse de uma pipa à deriva no céu, embalada pelo vento que brincava um balé no azul já enfraquecido que cedia lugar ao preto estrelado.

Me sentei no balcão do boteco e pedi apenas uma cerveja gelada. Sentia minha cabeça fervilhando pelo fato ocorrido na madrugada e não me contive por muito tempo logo reclamando a atenção do dono do boteco a fim de vomitar em palavras o evento ocorrido. “Entorta, na noite passada eu senti uma dobra no universo. Não consegui pregar o olho e já não sei mais qual é o gosto do sono. Não sei o que fazer.” Meu ouvinte ignorou minhas palavras enquanto servia café requentado para um bastardo que parecia ter se materializado quando se sentou ao meu lado. O Entorta sequer tornou seus olhos caídos para mim. Limitou-se a emitir um grunhido quase inaudível quando questionado por um sujeito que acabara de entrar no bar sobre a possível existência de uma garrafa de Fogo Paulista na adega do estabelecimento. E havia a maldita bebida. Entorta encheu um copo lagoinha com aquele líquido amarelado cujo estranho odor farejei lá no meu cantinho do balcão. Analisar o rosto do sujeito que pediu aquela bebida me permitiu ter uma ideia do gosto daquela coisa. Era um sujeito com colhões, sem dúvidas. Pegou o copo e virou de uma só vez. De olhos esbugalhados o homem se esforçou para manter dentro de si aquela coisa amarelada e me perdi durante o tempo passado enquanto encarava o rosto daquele diabo que parecia ter provado um copo de enxofre do nono círculo infernal. Foram dez segundos contados mentalmente até aferir que o sujeito obteve êxito em guardar nas entranhas o fogo luciferiano. O maldito sacou a carteira e jogou uma nota de cinco reais no balcão. Não perguntou o preço da dose nem mesmo queria saber se teria direito a troco. Virou-se e foi embora abraçar a rua.

Passado o episódio amarelado, logo lembrei-me de minhas aflições. Precisava terminar de contar o que sucedeu na aurora do dia. Nas profundezas de minha sozinha nesse mar de alterosas que é Minas, tenho na vida apenas o Entorta como face amiga. É quem me serve pão na chapa e queimadinho aquecendo minhas manhãs e esfria meu coração com cerveja gelada todas as noites para adoçar o sono nos últimos 10 anos. Entretanto, hoje o Entorta demonstrou não estar com vontade alguma de bater papo e pelo visto só falaria

comigo em caso de morte. Desde que cheguei apenas emitia sons indecifráveis ou falava com os olhos de peixe morto que carregava, demonstrando que também não tivera uma boa noite de sono. Ignorei seu mudo interesse em mim e tornei a falar. Teria que me ouvir de qualquer forma. “O albino, Entorta. Eu o vi no meu quarto enquanto me retorcia na cama. Quando o mandei sair ele pegou a arma e apontou para a própria cabeça. Seus olhos ferviam em poças de delírio. Ele não disse uma palavra. Parecia esperar que eu ordenasse que puxasse o gatilho. Fiquei apavorado. Ele arrastou o revólver pelo rosto e enfiou a ponta do cano na boca. E ficava lá, me provocando com aquela íris azul e louca. Meu coração palpitava a ponto de explodir. O infeliz então projetou o revólver contra o coração. E ficou lá, esperando. Era uma cena insuportável. Por fim, aquele diabo se dignou a abrir a boca e me disse que eu havia perdido minha chance. Deu-me as costas e saiu do quarto me deixando imerso em águas escuras. Mas qual! Não consigo mais levar. O que será feito de mim?”

Entorta, com a contrariedade em ouvir minhas palavras alucinadas quando claramente preferia o sossego dos pedidos fáceis dos bebuns que iam e vinham, continuou calado servindo coisas alcoólicas aos cachaceiros que comparecia no recinto em busca de um abrigo ébrio. No entanto, mostrou sua solidariedade trazendo-me um copo cheio de rabo de galo. Tomei em agradecimento e cuspi logo em seguida por fraqueza no estômago.